

Turma de Escrita Activa da USFE

Crónicas da Longevidade



144
E AGORA?

A turma de escrita activa da USFE encontra-se todas as semanas, às terças-feiras e, durante uma hora, alunos e professor, perdem-se na companhia uns dos outros. Falam mais do que escrevem. Riem e, por vezes, acontece alguém chorar...

Nem todos participaram nestas crónicas porque os trabalhos são facultativos e há alunos que são mais tímidos que outros.



144, E AGORA?

Crónicas da longevidade

por
alunos de escrita activa da USFE

USFE EDITORA
2018

Ficha Técnica

Edição: USFE EDITORA

Autores: Alunos de Escrita Activa

Revisão: Armando Santos

Capa e design: João Gomes

© Universidade Sénior Florbela Espanca

Interdita a reprodução, total ou parcial,
do conteúdo desta obra sem autorização.

ÍNDICE

Prefácio.....	7
De como longevidade se conjuga no presente... por Adélia Silvestre	7
Um exercício de Escrita Activa	9
As Crónicas da Longevidade	13
Vale a pena viver por Alice Lopes	15
A vida aos 144 por António Oliveira	17
Querido diário por Assunção Esteves	19
Ano de 2028: 144 anos... e depois? por Branca Gomes	21
A Aventura por Isabel Freitas	23
144 anos, já? por Isabel Lago	25
Raízes por João Gomes	27
O melhor ainda está para vir! por José Lobo	31
144 anos... Ufa... por Laura Sousa	35
Aos 144 sou uma mulher feliz por Luísa Sereno	37
Um sonho pesado por Madalena Marques	39
Carta para o professor por Margarida Marques	41
Tenho 144 anos... por Maria Fernanda Barbosa	43
Confissão por Maria João Bernardes	45
Chegada aos 144 anos por Odete Viegas	47
Um piropo para uma grossa por Orízia Alinho	49
Dia da Comunicação por Rosalina Milhazes	53
Os autores.....	55

PREFÁCIO

De como longevidade se conjuga no presente...

Adélia Silvestre

144, E AGORA? Uma tecitura de linhas de pensamento projetadas num futuro a (não) haver e com a consciência disso!

Assim se vão urdindo as narrativas sentidas com sentido e **O** sentido que delas fica é a alegria de estar vivo – **hoje, aqui, agora...**

É a trama aconchegada de cantigas de amigo, de histórias de era uma vez o Amor em família arquitetado, de escrita dos lugares que crescem nomeados como amantes - o Douro, a Rua Brito Capelo, a “Universidade *longevista* Florbela Espanca”... num todo ligado à rede dos afetos, do prazer às vezes dorido porque o tempo vai pesando, lá onde o recheio transborda em doçura de filhos, netos e demais decretos circunstanciais de sentidos vários...

“O Tempo esse grande escultor” - é **A Voz** no segredar que por aqui fala. E não gagueja saudade nem ais coitadinhos que vamos morrer... Não!

144, E AGORA? É um hino à vida de quem viveu e acredita que otimismo é ter consciência de que toda a viagem tem estação de desembarque e que talvez seja aí que “a vida é bela e o amor sorri”. Porém, e à cautela, o melhor mesmo é viver bem hoje porque quem “quase vive já morreu” e estes trovadores veem claramente visto que o futuro é já hoje que se constrói projetado em tudo o que ainda está para vir!

A todos agradeço a inocência recheada de sabedoria que só quem agradece à vida a história “abensonhada” que tem vindo a construir pode – e deve – contar ASSIM...

144, É AGORA!

25 de abril de 2018

AS

Nota Biográfica:

Adélia Silvestre é professora de Português do ensino secundário e da disciplina de Literatura na Universidade Sénior Florbela Espanca.

UM EXERCÍCIO DE ESCRITA ACTIVA

Para trabalharmos a temática proposta para o ano de 2018 na Universidade Sénior Florbela Espanca, a longevidade, a turma de escrita activa fez um exercício seguindo as seguintes etapas:

1. Descobrir a idade de referência da longevidade

Os alunos foram questionados sobre qual seria a idade mais compatível com a noção de longevidade. Anotaram-se as idades propostas por cada um dos alunos presentes e, em seguida, fez-se a média simples dos valores, definindo 144 anos como a idade de referência da longevidade.

2. Enumerar os aspectos mais pertinentes da longevidade

Os alunos enumeraram livremente as suas preocupações e expectativas relativas ao facto de alcançarem os 144 anos. Todos os aspectos foram enquadrados em categorias, e em seguida votados (registaram-se apenas os votos concordantes).

O resultado final, ao qual foram acrescentadas as percentagens dos votos, foi o seguinte:

Total de alunos participantes: 13			
Autonomia 97%	Ser física e mentalmente activo	13	100%
	Manter a mobilidade	13	100%
	Definir a minha maneira de viver	12	92%

Qualidade de Vida 75%	Domótica (casa inteligente)	13	100%
	Acabar com os diferendos religiosos	12	92%
	Extinguir todas as doenças	11	85%
	Teletransporte	10	77%
	Transportes fáceis de conduzir	10	77%
	Paz mundial	10	77%
	Viajar sem bagagem	9	69%
	Próteses cibernéticas	7	54%
	Dormir em gravidade zero	6	46%
Valorização Pessoal 73%	Divertimento e animação	13	100%
	Dançar	13	100%
	Sonhar	13	100%
	Receber um piropo	10	77%
	Inspirar os mais jovens	7	54%
	Continuar a trabalhar	1	8%
Interacção Social 66%	Ter família	13	100%
	Ter amigos	13	100%
	Acreditar nos outros	8	62%
	Ter relacionamentos amorosos	7	54%
	Reviver bons momentos do passado	2	15%
Inovação e conhecimento 55%	Evolução científica contínua	12	92%
	Abolir barreiras linguísticas	11	85%
	Conhecer outros planetas	10	77%
	Interagir com outros seres	8	62%
	Conhecer mundos paralelos	8	62%
	Viajar até à lua e voltar	7	54%
	Ser imortal	1	8%
	Viver em gravidade 0	0	0%

Medos e Receios 49%	Receio dos efeitos da automação	4	31%
	Bebés criados em laboratório	4	31%
	Dessensibilização da espécie	12	92%
	Viver em solidão	5	38%
	Depender de terceiros	7	54%

3. Considerações sobre os resultados

Tal como seria de esperar, o desejo de manter a autodeterminação bem como a autonomia física e mental ao longo dos anos acrescidos de vida é o tópico que apresenta consenso mais alargado.

Logo em seguida, aparecem a qualidade de vida e a valorização pessoal como pontos-chave no imaginário da longevidade. A necessidade de continuarem a sonhar e a divertir-se, embora aparentemente óbvia, indica de forma clara que a felicidade e a interação com terceiros são fundamentais na concepção da longevidade. Esta conclusão é corroborada por vários estudos que afirmam que a longevidade, mais do que uma questão individual, é uma questão comunitária e social e deve ser abordada como tal.

Os medos associados a viver mais tempo aparecem em último lugar e estão maioritariamente relacionados com terceiros, demonstrando que, duma maneira geral, este grupo de alunos está bastante otimista com o futuro.

De salientar que, no meio deste optimismo, existe uma preocupação genuína com a dessensibilização da espécie humana. Este sentimento tem as suas raízes na diminuição drástica da comunicação presencial, no crescente isolacionismo da vida urbana, no aumento do *gap* geracional, na volatilidade das relações, no aumento da distância física entre entes queridos devido à globalização, numa sociedade com serviços cada vez mais automatizados, etc.

Apenas um participante concordou em ser imortal. Isto, associado à média de idades de referência para a longevidade obtida para este exercício, coincide com estudos que concluíram que à medida que envelhecem, os seres humanos vão fazendo as pazes com a sua própria mortalidade. Independentemente das crenças religiosas, a morte e a noção de finitude continuam a definir o ser humano e a dar significado à sua vida, bem como a todas as interacções sociais e afectivas com terceiros. Ainda que optimistas relativamente a viver mais tempo, estes alunos não conseguem (e não querem) imaginar as suas vidas sem a sombra da morte.

Apenas um participante afirmou querer continuar a trabalhar. O conceito de trabalho foi encarado pela maioria dos participantes mais como fonte de rendimento do que como utilização produtiva do seu tempo extra. O facto da geração actual de reformados ter experienciado, nos últimos anos da vida laboral, um forte impacto tecnológico e alterações drásticas ao conceito mais tradicional de trabalho (experiência esta, prolongada no acompanhamento da realidade laboral dos filhos e netos) pode ser um indicador válido para este "quase contra senso" entre o desejo de se manterem activos mas "sem trabalhar".

4. Escrever um texto alusivo ao tema

Por fim, os alunos foram desafiados a escrever textos de prosa ou poesia que descrevessem a realidade dos seus 144 anos. Desse desafio surgiram as crónicas que estão compiladas neste livro. Algumas respeitam o novo acordo ortográfico e outras não.

AS CRÓNICAS DA LONGEVIDADE

Vale a pena viver

Alice Lopes

O Verão está próximo. Tenho 144 anos e estou confortavelmente sentada numa poltrona de massagens na sala de estar, toda envidraçada, na República das Centenárias. Partilho o edifício com 10 amigas que, quando frequentávamos a USFE há uns longínquos 70 anos, sonhavam com esta realidade. Quando a Câmara Municipal de Matosinhos nos cedeu este espaço, uma escola desactivada, foi só convencer um gabinete de arquitectura para fazer o projecto e uma construtora para fazer as obras necessárias. E assim conseguimos todo este conforto.

Na sala onde me encontro posso apreciar o mar, sempre igual e sempre diferente. À minha direita estende-se um vasto espaço verde que muitos usam para passear e fazer exercício ao som de uma música de fundo muito suave.

O *robot Bright-Kleen* cedo fez o seu trabalho e deixou toda a casa impecável e fresca.

Já fiz as orações da manhã e vejo as notícias que brotam da parede.

Os meus filhos, também eles centenários, estão bem, noutra república, e dedicam-se a alguns novos desportos. Os meus netos, agora na casa dos 80, continuam a viver as suas vidas nas suas casas robóticas.

É complicado falar com os meus netos e bisnetos, uma vez que quase já não entendo a linguagem deles porque já não consigo abarcar toda a tecnologia necessária para o fazer. Há dias falaram-me de um projecto para uma viagem *low cost* à Lua. Seja como for, visitam-me regularmente porque, em termos de afectos, continuamos iguais.

Continuamos a ser corpo e espírito. Isso não mudou e tenho a certeza que nunca irá mudar.

Chegada a hora das refeições, o menu escolhido e encomendado no dia anterior à central é entregue por um *drone*. As vias aéreas dedicadas aos

drones têm um tráfego cada vez mais intenso mas nunca vi nenhum bater noutro.

Os transportes são todos eléctricos e o ruído foi praticamente eliminado de maneira que voltamos a poder ouvir o lindo canto das aves.

Há uns anos o mundo passou por algumas convulsões, que chegaram a ser medonhas, mas foi tudo em prol desta paz que hoje podemos todos disfrutar. Não há *stress* e tudo se faz com rapidez e silêncio.

Vale bem a pena viver!

A vida aos 144

António Oliveira

A vida é uma peça de teatro sem direito a ensaios. Aos 144 anos continuo a cantar... Às vezes desafinado, outras, rouco. E, por vezes, até sem som.

Choro, danço e rio antes que a cortina se feche e a peça termine. Sem aplausos, porque não há ninguém que tenha paciência suficiente para assistir a tão longo e triste programa.

Recordo como me senti quando mergulhei na vida, naquilo que ninguém conhece. Mergulhei sem me preocupar e sem entender, disposto a ultrapassar todo e qualquer entendimento.

Apressei-me a viver e a pensar cada dia, que por si só, é uma vida. Tento aprender como se fosse viver para sempre, e vivo, como se fosse morrer amanhã.

Não vivo para que a minha vida seja notada, mas para que a minha falta seja sentida. Não quero que a saudade do tempo passado e a rotina me acomodem. Não quero que o medo me impeça de tentar, desconfio do destino e acredito em mim.

Gasto mais horas a realizar e a viver que a sonhar e a esperar, porque embora quem quase morre, esteja vivo, quem quase vive, já morreu.

A quem ainda me quiser ouvir, deixo estes conselhos: Seja feliz à sua maneira. Não mude a sua rotina só porque os outros o exigem. Viva de acordo com o seu modo de viver. Sonhe sem limites. Viva o hoje, uma vez que já passou por ontem e talvez não chegue a amanhã.

Na vida e no Amor, não há garantias, não perca tempo a procurar por elas. Viva sem medos: o medo é um dos piores inimigos do Amor e da felicidade.

Saiba que a vida é muito importante para ser levada a sério.

Querido diário,

Assunção Esteves

Hoje é dia de balanço, meu querido diário: amanhã faço 144 anos!

Nunca pensei viver tanto tempo com tanta água que passou por este moinho! E tu, meu diário, és o registo de toda esta vivência. Os segredos que tu guardas testemunham os contrastes da minha vida.

A vida inebria-nos, embebe-nos constantemente e, por isso, não nos apercebemos das mudanças que a todo o momento ocorrem... Como vim aqui parar? Onde está a minha família? Como aceitei tantas mudanças e, em determinada altura, até as achei naturais?

Vivo neste mega condomínio desenhado à semelhança dos antigos centros comerciais, mas muito, muito, maior! As habitações, pequenas e sem luz natural, têm um bom quarto, uma saleta de entrada e uma casa de banho do outro mundo, porque nela estão instalados mecanismos que permitem avaliar o meu estado de saúde e, caso seja necessário, fazer alguns exames médicos como, por exemplo, uma ressonância magnética.

A partir daí os medicamentos ou outros procedimentos vêm até mim. A ida a consultas no exterior é hoje uma miragem... Como tenho saudades daquelas salas de espera, onde ao fim de longo tempo de lá permanecer, chamavam por mim e me indicavam o gabinete para onde me dirigir...

Tenho saudades também de um bom banho. Não quer dizer que o não tome diariamente, simplesmente a água é sempre a mesma, circula em circuito fechado, sofrendo naturalmente tratamento.

O cabelo já não existe. Agora, uso cabeleiras: é mais higiénico e menos dispendioso. A roupa é quase toda descartável, daí não precisarmos de muito espaço para a arrumar. Graças ao XPTO/055/033, o meu *robot* pessoal, tudo rola a tempo e horas. É-me imprescindível mas muito chato: não o queiras ver de luzes todas vermelhas quando pego num dos meus poucos livros e ele acha que estão contaminados... De que me serve ter

ótima vista se o *robot* não me deixa ler? Até saudades dos meus óculos tenho...

Como já te disse, querido diário, todos os apartamentos dão para o exterior, a grande avenida, um espaço todo coberto onde todos se encontram e os triciclos circulam a toda a hora.

Há diferentes espaços de frequência obrigatória: os refeitórios (de nada me serve ter a 3ª dentição, acabo sempre a comer papas) e os ginásios e gabinetes diversos onde frequento aulas de Mandarim e *Chi kung*.

Encontro-me lá com as minhas amigas da USFE e muitas vezes tomamos um chazinho de arestas para lembrar os tempos da nova idade. Nova idade, que piada!

Apanhar sol é absolutamente proibido. Só pelo amanhecer é que se pode ir até ao exterior, apenas acessível pelos terraços do condomínio, mas o que se avista de lá deprime-me de tão seco e sem graça.

Com tudo isto quase me esqueci do que te ia dizer... Faço anos amanhã mas não perspectivoo ser visitada: os meus filhos estão para Marte, foram visitar uma tetraneta minha que tem lá um empreendimento turístico e também conhecer os trigémeos que nasceram e os que ainda andam por cá estão tão ocupados que dificilmente aparecerão. Resta-me a esperança que uma bisneta, que vem de Paris e segue para Londres, baixe aqui nos terraços e me dê uma grande alegria.

À falta das lindas rosas que jamais tornei a ver, gostava de, pelo menos, receber um cacto florido.

Sinto-me amada mas ao mesmo tempo apontada. Faço parte de uma geração que apelidam de irresponsável por ninguém compreende como foi possível não termos prevenido os obstáculos a um futuro melhor. É o reverso da medalha de uma vida longa!

A ti, querido diário, tenho-te sempre e nem tu sabes o quanto és importante para mim. Até amanhã...

Ano de 2028: 144 anos... e depois?

Branca Gomes

Parece incrível, mas já estou com 144 anos. Se me tivessem perguntado quando só tinha 80, se era possível chegar até aqui, eu diria imediatamente que não. Mas o certo é que devido ao avanço galopante da tecnologia nestes últimos 60 anos, aqui estou eu...

Hoje, muito aborrecida, por sinal. O meu *robot* de limpeza avariou e, como se não bastasse, o depósito de água dessalinizada está a ser substituído pelos *robots* de manutenção do condomínio do nosso prédio domótico.

O que torna tudo suportável é que a alimentação é muito diferente do que era há décadas. Hoje é tudo à base de algas, vitaminas e frutos, todos prensados e divididos em cápsulas, consoante a sua função, e misturados com todos os nutrientes, proteínas e sais minerais necessários à saúde física e mental de cada indivíduo.

Mas, embora seja mais rápido preparar e consumir as refeições, não consigo afastar as lembranças de uma boa feijoada, uma boa sopa, carne e peixe frescos adquiridos nos mercados convencionais da época entre os séculos XX e XXI.

O amor e a intimidade entre casais modificaram muito. Por comodismo ou egoísmo, hoje a maioria dos bebés têm origem numa proveta e depois são entregues, não aos pais, mas à comunidade social, onde crescem e são educados conforme as suas aptidões, e de acordo com as necessidades da sociedade.

A estrutura da família deixou de existir. Os meus bisnetos, ainda conhecem os bisavôs mas são tão desprovidos de afectos... Já os filhos deles, dos pais, apenas retêm o registo dos genes, reduzindo a filiação a um mero código.

Mas nem tudo é mau... A evolução da inteligência artificial no Serviço Nacional de Saúde, que teve início na segunda década deste século com a

robot “Amélia” revolucionou o tratamento dos doentes com demências, melhorando imenso a qualidade de vida dos mesmos. Após este sucesso criaram-se “amélias” em todas as áreas da saúde e tanto a esperança como a qualidade de vida dispararam em flecha.

A investigação interplanetária também evoluiu muito e hoje é possível fazer férias em plataformas espaciais a orbitar vários planetas com características de habitabilidade.

Todavia, e apesar do meu tempo agora ser este, sinto que vi e vivi intensamente, passando por um turbilhão de mudanças, que nem sempre foram compatíveis com a minha maneira de ser e de estar na vida. Por isso, penso que chegou a hora de eu partir em paz, para uma outra dimensão, carregada de saudades daqueles que foram os primeiros 80 anos da minha vida.

A Aventura

Isabel Freitas

Não sei como cheguei aos 144 anos, planos a longo prazo não são comigo. Prefiro fazer tudo por tudo para ser feliz no presente e deixar o futuro para amanhã. De qualquer maneira, não preciso de pensar muito nisso, porque tenho sempre à minha volta os meus netinhos que acabaram de entrar nos sessentas. Eles, com a sua juventude e jovialidade, estão sempre prontos a sugerir-me coisas para fazer...

Adoro o facto de continuar a ter saúde com esta idade graças aos avanços na medicina. Se assim não fosse, não valeria a pena viver tanto tempo.

A verdade é que quanto mais tempo vivo, mais experiências queremos ter. A geografia, área a que sempre me dediquei, é hoje completamente diferente do que era. Mantive-me sempre actualizada e estou sempre pronta para mais um cruzeiro interplanetário com paragem em todos os planetas do sistema solar. Ainda não estive em todo o lado onde queria e não quero morrer na ignorância.

Nos outros planetas, experiências comuns como comer, beber e tomar banho são completamente diferentes e farto-me de tirar fotografias para mostrar à família que teima em não sair da Terra.

É um alívio já não ter de pensar em Medicamentos. Agora somos todos tratados por *robots* que nos administram tudo o que precisamos na hora e se encarregam de nos seguir até ao final do tratamento.

As recordações é que são um desapontamento. É tudo virtual. Não servem para nada e já nem ninguém lhes liga nada.

A minha casa ultramoderna é toda sofisticada e trata sozinha das tarefas domésticas.

Para a semana vou à Universidade Longevista Florbela Espanca falar com os meus pares, com mais de 120 anos, sobre as minhas aventuras no espaço. Parece que também convidaram uns juvenzitos de 80 anos para me ouvir. Vou ver se os convenço a todos a ir na próxima viagem.

Ando de um lado para o outro na minha *van* inteligente. Embora fora de moda, tem um modo *transformer* que me permite parar onde quiser e ter acesso imediato a uma cama confortável para poder dormir e relaxar com a vista.

A paz na Terra e a certeza que todos os que amo estão seguros e felizes, deixam-me livre para pensar nas minhas próximas aventuras, quem sabe noutra galáxia...

144 anos, já?

Isabel Lago

Será verdade?

Mas quem fez esta maldade

De me deixar viver

Até chegar a esta idade?

Não imagino, nem quero saber.

Viver tanto é uma tortura

Que sou obrigada a sofrer...

Mais do que isso...

Chamemos-lhe ditadura

Que é aquilo que ninguém

quer...

Que veloz o tempo passa!

Para aumentar a desgraça

Conhecidos já não tenho

E amigos?

Desapareceram...

Estou farta de ir por flores

Às cinzas dos que morreram.

E para falarmos verdade

Que acontece

A quem chega a esta idade?

Ora vejamos:

Falar?

Já não há com quem.

As normas de linguagem

Não são as mesmas que

Ali por volta dos 100.

E vestir? Como? Não sei.

Tudo o que tinha e guardei

Faz-me sentir um palhaço

No meio de toda esta gente

Que usa roupa de metal,

E na cabeça tem antenas

Para comunicações internas.

Que raio de tempo é este

Para onde me empurraram?

Como posso viver feliz

Se não perco a memória

E sinto saudades do tempo

Do meu chapeuzinho de penas?

Raízes

João Gomes

Ao acordar dou de caras com uma notificação de feliz aniversário que a Clara lançou na parede interactiva do quarto.

Quando chego à cozinha para tomar o pequeno-almoço, a minha bebida energética está ligeiramente mais fria que o costume. A Clara continua piurisa porque lhe tirei o som há umas semanas atrás. O duche também é mais curto que o costume mas apenas porque a Clara reagendou a minha revitalização celular para alguns minutos mais cedo.

A revitalização celular é o procedimento que está na base da longevidade humana. Uma mistura de nanotecnologia e terapia genética que, em resumo, reinicia todas as funções do corpo humano ao nível molecular. Todos os meses sou visitado por um trio de *robots* que me trata durante vinte e três minutos e 47 segundos num processo indolor que apenas exige imobilidade e silêncio em troca de um corpo e mente saudáveis.

Depois da revitalização celular, visto-me. Não que seja necessário vestir-me, mas é um dos muitos hábitos que me custa largar. A Clara atenua o azul que eu escolhi para as calças e muda-me a camisola de bege para branco. Estou mortinho para lhe desligar a auto-cor mas ainda não encontrei essa opção nas definições.

Está na hora de trabalhar. Entro na arcaica cabine de indução virtual e durante as próximas 2 horas respondo a inquéritos sobre tudo e sobre nada e faço testes que não compreendo para que servem. Todos trabalhamos para a rede, mesmo os que continuam no exterior.

Quando termino, passo pela câmara de suspensão onde está a Isabel, a minha mulher. Ela, à semelhança de quase toda a população humana, está permanentemente ligada à rede. É lá que vivem e trabalham, sonham e prosperam, aspiram e planeiam.

Depois de várias versões falhadas, cheias de *glitches*, distorções sensoriais, distúrbios psíquicos e um sem número de defeitos colaterais, a rede

tornou-se na realidade de eleição dos seres humanos. A simples inserção de uma biocondutora de sinapses no cerebelo permite uma ligação imersiva à rede: um mundo virtual onde os sentidos são expandidos, os sentimentos são intensificados e a criatividade quase não tem limites.

A Isabel continua esperançosamente à espera que eu me ligue permanentemente tal como ela fez há 24 anos atrás. Desde então, reunimo-nos na rede algumas vezes mas a comunicação é demasiado frustrante pelo facto de eu continuar a ser um utilizador sensitivo. Um sensitivo vive no exterior e apenas interage com a rede através da indução virtual, um fraco substituto à imersão completa.

A rede coordena toda a infra-estrutura informática que engloba os programas e *robots* serventes do exterior. O mundo exterior existe com o único propósito de providenciar a revitalização celular a todos os seres humanos que habitam a rede. Um lindo circuito vicioso, mas necessário, porque a tecnologia actual só consegue “enganar” o cérebro se ele continuar ligado a um corpo sensitivo. Todas as tentativas de digitalizar o cérebro falharam redondamente sem ninguém perceber bem porquê. Uma comunidade da rede publicou em tempos a teoria que a alma existe e se recusa a ser transformada em fluxo de dados. Na ausência de melhor, a teoria vingou e, confirmá-la ou desmenti-la, continua a ser o santo graal da ciência actual.

A população é rigorosamente controlada pelo algoritmo nativo da rede. Não há registo de nascimentos há pelo menos 30 anos. Aparentemente sem a Morte no horizonte a nossa descendência deixa de nos preocupar. Assim como assim, seria necessário dois seres humanos desligarem-se temporariamente da rede para terem sexo no exterior. E já ninguém se quer desligar...

Com quase todos os humanos ligados à rede, o crescimento populacional em *flatline* e o uso de *robots* para cuidar do planeta Terra e futuras colónias planetárias, os recursos disponíveis são mais que suficientes.

O dinheiro ainda existe, mas tem prazo de validade para ser gasto. Isto impede a acumulação de riqueza e serve de incentivo à produção e ao

trabalho. O dinheiro é apenas um conceito de valor predefinido pela rede e aceite pelos utilizadores. A quantidade total de dinheiro disponível é fixa, já não há inflação nem desvalorização, apenas fluxo de capitais.

Os bens de consumo são, na sua esmagadora maioria, licenças, aplicações ou actualizações para o software de imersão na rede. A sua aquisição é pessoal e intransmissível, pelo que nenhum destes bens pode ser alvo de empréstimo, partilha ou revenda.

Está na hora de ir até lá fora. A Clara não gosta que eu saia porque, fora de casa, eu bloqueio-lhe o acesso às minhas funções vitais. Quando lhe dou um comando de voz para me abrir a porta da rua, ela exige que eu me repita 2 vezes e depois demora uns segundos extra a abrir-me a porta que, infelizmente, há vários anos deixou de ter abertura manual.

Na rua, encontro sempre a mesma paisagem, limpa de outros seres humanos. O verde da floresta que nos rodeia predomina, sendo apenas quebrado pela cor branca de um ou outro *robot* de manutenção. A cúpula protectora que cobre toda a área residencial da cidade e permite uma climatização ideal, imita na perfeição um belo dia de Primavera com o sol a brilhar suavemente, num céu azul e limpo de nuvens.

Alguns passos à frente, sou interpelado por uma projecção holográfica de um *robot* de manutenção. Todos aqueles que vivem na rede podem aceder e controlar qualquer *robot* no exterior. Os *robots* são a forma mais eficaz e segura de interagir com o mundo exterior. Marte está a ser colonizado dessa forma.

O meu filho João, já não é capaz de reduzir o seu fluxo de dados para comunicar com um sensitivo como eu e praticamente só interage comigo no dia do meu aniversário. Comunicar com ele é algo parecido a ter 500 holoeocrãs ligados simultaneamente, com cada um deles a alternar de frequência a cada 10 segundos. De toda a informação percebida, imagino com optimismo que ele me deseja um feliz aniversário e que continua à espera que eu me ligue à rede de forma permanente, para me juntar a ele e à mãe. Eu respondo-lhe verbalmente, sem mentir, que tenho muitas saudades e que ainda me lembro quando ele me cabia na

mão. Sem saber se me percebeu ou não, desconecta-se até daqui a um ano e o *robot* vira-me as costas para retomar a sua tarefa.

Dou mais uma volta só para dar corda às pernas e volto para casa. Entro, tiro a roupa e mergulho na cabine de isolamento vintage que resgatei de um SPA há mais tempo do que aquele que me lembro. Fecho a tampa manualmente e, no meio da escuridão que me envolve, imagino-me de volta ao meu passado, no colo da minha mulher, a fugir das cócegas do meu filho e numa aula de escrita activa com os meus alunos a queixarem-se do trabalho de casa: “Chegar aos 144 anos... que ideia tão parva para um texto!”

O melhor ainda está para vir!

José Lobo

Ano 2090. Hoje faço 144 anos de vida. Uma vida saudável e cheia de esperança no futuro.

Não quero festa nenhuma. Na era da Inteligência Artificial ofereci-me uma prenda: vou gozar uns dias sozinho, longe da família, num SPA- ZG situado numa estação orbital do planeta Bigwony da galáxia GENI-23 no sistema solar P98 OK a 30 bilhões de anos luz do planeta, outrora chamado azul, que ainda se chama Terra.

O hiperespaço está com problemas de circulação por isso vou-me teletransportar. Esta decisão solitária é motivada pelos meus filhos. Dois gémeos que, apesar de já terem 110 anos, passam a vida na Realidade Virtual. Esta irresponsabilidade tem reflexos nos meus netos e bisnetos, já para não falar dos tri e tetranetos.

O meu neto mais velho, com 90 anos que tem um doutoramento em “Centros de ócio em estações espaciais para pessoas com mais de 200 anos com hiperatividade resiliente”, passa a vida a seduzir seres alienígenas.

A minha neta, com 89 anos, investigadora em bio-genética ginecológica e especialista em “maternidade depois dos 120 anos”, passa a vida na Lua, em orgias *fashion*, numa cidade subterrânea no mar da Tranquilidade.

É claro que os meus bisnetos, dois encantadores seres de 65 anos, andam à rédea solta... Um deles, tive recentemente que ir resgatá-lo a uma projeção holográfica que partilhou com um ser de um exo-planeta para uma atividade esdrúxula. O outro, apenas com meses de diferença, tem ampla experiência nas “Relações harmoniosas de indivíduos com assexualidade não assumida com os biónicos”, e gere um projeto na 8ª dimensão que tem tido grande sucesso chamado ASENABI onde desafia os amigos para corridas de space shuttles em que se perdem por meses a

fio nos confins do espaço sideral e depois aparecem como se nada tivesse acontecido.

Atitudes inconscientes destas preocupam-me porque têm consequências, gravíssimas, na educação dos descendentes.

O meu apartamento é o que se chamava antigamente um T0 mas recorrendo à nanotecnologia e à mecânica quântica, em conjugação com a realidade física dos “Mundos Paralelos”, é possível transformá-lo em segundos num T1,T2 ou Tn, conforme as minhas necessidades.

Confesso que ando a passar por uma crise de vaidade, principalmente no vestuário. Não é qualquer coisa que me agrada pelo que conservo, quase em permanência, um estúdio com um manequim holográfico feito à minha imagem que, mediante um estalar de dedos, vai alternando novos modelos de fatos ou outro vestuário, à medida dos meus desejos e imaginação. Uma forma prática de fazer *zapping* à nossa aparência e estilo que, depois de escolhidos, posso imprimir numa impressora 3D. Depois de usar a roupa, simplesmente descarto-a e crio outra no dia seguinte.

Para o meu aniversário, escolhi umas calças justas cor de mel de abelhas clonadas e um *blazer* vermelho belzebu, que voltou estar na moda. Uma indumentária discreta, a condizer com o acontecimento.

Antes de partir para os dias de gozo no SPA-ZG, não me posso esquecer de resolver dois problemas.

O meu *Robot*, o ZaKarias, substitui-me em quase em todas as tarefas, principalmente naquelas que eu não gosto de fazer como: atender chamadas de programadores automáticos que me querem vender naves com o modo de operar em invisibilidade; inventar desculpas para não ir a festas hiperbólicas em planetas de galáxias distantes, muito menos em meteoritos habitáveis e outras que tais. Mas o ZaKarias não quer fazer horas extraordinárias... Diz que é ilegal. Não sei por quem ele anda a ser instrumentalizado porque fazer coisas ilegais já é muito antigo e eu sempre lhe dei uma boa cobertura de manutenção. Ainda não decidi se lhe substituo o módulo de pensamento ou se o substituo a ele.

O outro problema, muito mais importante, é saber se pago a taxa da “Imortalidade” para o próximo ano, porque não posso arriscar que me retirem a licença, ou se a converto na nova modalidade de “Longa Vida” com extensões programadas. É uma situação bastante constrangedora, especialmente por causa de todos os compromissos que assumi para os próximos séculos.

O que eu sei é que é o meu aniversário e mereço relaxar e gozar a minha eternidade.

Não sei exactamente o quê, nem como, nem para quando, mas tenho a certeza absoluta que O Melhor Ainda Está Para Vir!

144 anos... Ufa...

Laura Sousa

Amanhã, quando acordar, terei atingido algo que nunca pensei alcançar. Vou-me levantar a resmungar como de costume porque acordo sempre mais cansada do que quando me deitei.

É que a porcaria da chuva não pára de cair. Será que o nível das barragens ainda não está suficientemente cheio? Vou ter que ficar aqui dentro mais oito dias, feito múmia, à espera de ver um raio de sol? Quero ir para a rua ver gente, ouvir barulho.

Por falar em gente, já tenho saudades das minhas colegas, de as ouvir coscuvilhar de tudo e de todos. Eu também gosto de conversar mas caramba!

Às vezes chateia-me estar sempre a ouvi-las: “Ai, o meu colesterol... Ai, as minhas artroses...” Só me apetece mandá-las rifar! Só porque têm 80 ou 90 anos já pensam que estão velhas... Por amor de Deus, quando elas começam a gemer, aquilo parece um galinheiro de galinhas que já nem para canja dão...

Tenho a certeza que amanhã, os filhos, netos e bisnetos mais o tetraneto que já tenho, vão dizer: ó valha-nos Deus, lá vamos nós ter que ir ao jantar da velhinha... Vamos ter que estar todos bem comportados e a berrar uns para cada lado para ela nos poder ouvir...

É bem feito! Eu até me faço mais mouca do que o que sou. É que assim, só ouço o que me convém. Que me aturem, que eu também já ando a aturá-los há muitos anos. Quem me comeu a carne que me chupe os ossos, não é assim que se diz?

Eles queriam era que eu aceitasse as ordens deles: ó avozinha faça assim, ó avozinha vá para ali, ó avozinha isto, ó avozinha aquilo... Era só o que me faltava! Estou velha mas não sou tola...

Quando acordar amanhã, no dia 11 de Março vou ter, nem mais nem menos, do que 144 anos!

Também queriam ter, não era? Vão para a USFE! Vão para as aulas de dança, pratiquem tai chi nem que precisem de levar o andarilho e exigir um elevador para subir! Pró frente é que é o caminho...

Por falar em caminho, com 144 anos já não pago transportes, como e bebo de graça e na USFE vou receber uma placa de ouro toda debruada a loureiro, tipo Nero. Tomem lá esta!

Beijos, e sejam felizes...

Aos 144 sou uma mulher feliz.

Luísa Sereno

O avanço contínuo da tecnologia modificou o mundo por completo. O mar tem uma enorme poluição, e aproveitam a mão-de-obra dos *robôs* para a limpeza do oceano. O mercúrio deixou de existir e temos uma água pura e límpida. A limpeza também chegou ao espaço, pois a poluição é tanta que parece que o planeta está rodeado de estrelas, devido aos resíduos nocivos.

Felizmente também acabaram com as operações e tive a alegria de acabarem com a minha artrose. Aumentou a longevidade e acabaram com as experiências dos bebés feitos em laboratórios.

Os transportes terrestres não precisam de condutores e não faltam transportes aéreos para ir de um lado ao outro. Estou a pensar dar um passeio à lua pois os bilhetes estão muito baratos.

O nosso país já não é árido, e está cheio de verdura e muitas árvores, que são os nossos pulmões, e de flores, muitas flores, multicores que me fazem bem à alma. E não faltam vigias para garantir que esta beleza perdura.

Que felicidade o mundo estar em Paz.

Tenho uma casa inteligente com um grande televisor, ocupando uma parede e é só apontar com o dedo para saber o que se passa no mundo. Não preciso de limpar a casa porque ela é inteligente: limpa-se sozinha e mantém sempre o ambiente puro e confortável, sem eu ter que carregar em nenhum botão.

E comer?! Agora não preciso de comer... Alimento-me à base de comprimidos que são vitaminas e assim fico sempre com o peso ideal.

De repente sinto um aperto muito forte no coração porque não sei dos filhos e netos. Este aperto é tão grande que me faz abrir os olhos.

Deus meu! Tudo isto não passou de um sonho.

Um sonho pesado

Madalena Marques

Acordei com uma sensação estranha... Era o dia dos meus 144 anos. Já!? Como o tempo tinha passado depressa!

Enfiei o meu fato multiusos, que tanto dá para o frio como para o calor, e regulei-o para a temperatura ideal, pois este mês de Outubro continua ameno.

Tomei o meu pequeno-almoço à base de pão de algas barrado com ervas biológicas esquisitas e bebi o meu leite de burra, pois os outros sintéticos deixam-me com um sabor esquisito na boca. Ainda não me consegui habituar totalmente mas tem de ser porque é um leite mais económico. Dizem que burros têm a virtude de se habituarem a qualquer situação ambiental.

Programei a casa para a rotina diária habitual: limpar, arrumar, cozinhar... Enfim, tudo aquilo que qualquer pessoa precisa!

Antes de sair, telefonei para a família e para alguns amigos, pois estou a pensar fazer uma festinha para comemorar os meus 144 anos.

Depois de muitas tentativas frustradas e de muitas interferências, só consegui contactar com o meu tetraneto mais novo, que me prometeu vir com a filharada mas apenas se a sua nave último modelo chegasse a horas do *stand* espacial!

A maioria dos meus amigos, aproveitando a época baixa e as promoções das agências de viagens, andava a viajar 4 cantos da galáxia!

Que grande desilusão!

Decidida a não desistir da minha merecida festa, telefonei para a *space food*, que tinha boa fama, na certeza de que vou acabar a complementar a minha encomenda no mercado negro com algumas sobremesas que me levam de volta à minha infância.

Tudo sem me esquecer do bolo com uma lâmpada colorida de 144 velas, pois as verdadeiras eram difíceis de arranjar, no centro!

Depois de tanto planeamento, calcei os meus sapatos super-sónicos, último modelo, pois apetecia-me andar!

O trânsito era intenso pois toda a gente tinha adquirido os pequenos protótipos espaciais antipoluentes que estavam em promoção e com facilidades de pagamento em toda a galáxia!

Ao atravessar a passadeira, um desses protótipos abalroou-me, deixando-me um pouco KO. Lá tive de voltar para casa, ligar a minha câmara hiperbárica familiar, e esperar mais uma hora para ficar como nova... Ao menos, saí maravilhosamente jovem e com melhor disposição!

Eis que se ouve um enorme estrondo. Foi tão medonho que dei um salto e acordei... Meu Deus, onde estou eu? O que se passa?

Levantei-me e abri a porta ainda meia apalermada.

- Avó! Porque demoraste tanto para abrir a porta? – perguntaram os meus netos em bando - A campainha não tocou, e também não atendeste o telemóvel... O que tens?

Claro que não lhes contei o sonho absurdo, pois seria gozada indecentemente!

Foi com alívio que olhei para os belos bifes rodeados pelas minhas ervas aromáticas tão saborosas que tinha temperado para o almoço. Comida boa e saborosa, felizmente! Mas quando olhei para a pilha de roupa para passar a ferro, desejei ardentemente que o sonho continuasse...

Meus Deus, não se pode ter tudo, não é?

Carta para o professor

Margarida Marques

Querido Mocho Feio¹,

Senti uma grande tristeza ao saber que não poderia estar presente no meu 144º aniversário, tanto mais que me sinto responsável por isso.

Fui eu que, quando contactada pela NASA-Pro para sugerir um individuo polivalente e responsável, lhes indiquei o seu nome. Nunca imaginei que a missão que lhe destinariam iria ser tão longa. Espero que regresse de Marte a tempo da inauguração das novas instalações da USFE. Nem vai acreditar: amplas, novinhas e com um enorme jardim!

Mas quero contar-lhe as novidades cá da Terra. A semana passada fiz uma gigantesca festa para comemorar o meu aniversário.

Resolvi convidar todos os meus familiares de sangue e do coração. Coincidência ou não, eram 143 – somando comigo, um lindo total de 144 pessoas.

Nem pode imaginar como todos estávamos felizes! Da USFE veio quase toda a gente; todos muito bem conservados! Dançamos e cantamos como se fosse a 70ª edição do Forrobodusfe².

A ementa é que não foi lá grande coisa. Só consegui arranjar uma empresa de *catering* interessada em fazer o serviço. Mas tudo em *kit* pré-embalado...

Que saudades eu tenho de me sentar à beira mar a tomar um café e um pastel de nata, ou de ir ao bar comer uma fatia de bolo caseiro! Já estou quase como a minha mãe – “antigamente é que havia coisas boas!”.

Nota do editor:

1. Referência da autora a João Gomes, professor da disciplina de Escrita Activa na Universidade Sénior Florbela Espanca (USFE), também conhecido entre os alunos como “mocho feio”.

2. Festival da Alegria da USFE.

À praia continuo a ir, mas as velhas esplanadas desapareceram; só há máquinas de venda automática com variadíssimos produtos que por vezes nos “comem” as *streetcoins* sem nos devolverem nada.

Lembra-se da pulseira que fizemos na aula de escrita activa? Conservei a minha. Ainda não sei bem como (desde o Facebook que não entendo estes “milagres”) mas há dias fui contactada pela MAGILINA que me propôs a sua comercialização. O negócio é irrecusável pelo que, mesmo sem o seu aval, decidi aceitar.

Mas para mim, a melhor novidade é que no dia do meu aniversário, os meus filhos ofereceram-me um *self driving car*. Agora que a USFE vai para as novas instalações, vai-me dar imenso jeito porque, apesar do metro já ter vinte linhas, nenhuma passa lá perto.

Espero que a implementação da nova rede em Marte esteja para breve, e que rapidamente se consiga comunicar por *smartphone* ou através da internet. Se não conseguir falar consigo antes dos CTT lhe entregarem esta nota, desejo-lhe uma boa viagem de regresso.

Aproveito para lhe dizer que a semana passada estive com os seus netos. Estão parecidíssimos consigo, quando eu o conheci!

Vá dando notícias.

Um beijinho e até breve.

Margarida

Tenho 144 anos...

Maria Fernanda Barbosa

Aos 144 anos, vivo perto do mar pois o borbulhar das ondas dá-me uma calma que me conforta e que me serve como fonte de inspiração.

Não tenho casa, estou instalada num bom hotel para me libertar das lides domésticas. Também não tenho carro, uma vez que utilizo os teletransportes.

Trabalhar está fora de questão. Passeio muito, danço ainda mais, convivo com muitos amigos e familiares e esses são os meus grandes objectivos de vida.

Uma volta ao mundo, sem necessidade de bagagem e sem problemas das barreiras linguísticas, está prevista para breve.

Reviver o passado, não vale a pena. Passado é passado e se bons momentos vivi, outros menos bons também ocorreram...

Chegar a esta idade e ser física e mentalmente capaz é uma felicidade que posso, devo e quero aproveitar.

Mesmo já tendo chegado até aqui, não consigo deixar de me sentir apreensiva com a perda de sentimentos familiares. No meu entender, a procriação por meios laboratoriais é uma conquista preocupante. Onde fica a paternidade?

Quanto a relacionamentos, sinceramente não me vejo ligada a ninguém. Não pretendo abdicar da minha autonomia nem ter uma pessoa a partilhar a minha intimidade. O tempo do “fulgor” já passou por mim!

Sonhos, quem os não tem? O meu, e espero vê-lo realizado, é que finalmente o Mundo alcance a paz e que cessem os diferendos religiosos.

Confissão

Maria João Bernardes

Querido diário, meu fiel amigo,

Decidi que hoje será a última vez que escrevo em ti.

144 anos são mais do que suficientes. Desejo chegar ao fim desta viagem.

Não quero mais ser o bibelô intocável que as pessoas mostram como troféu.

Se o mundo soubesse que só e apenas o meu corpo é bibelô e que dentro de mim resiste um vulcão prestes a rebentar... Se soubessem que ainda me apetece dançar, saltar e beijar... Se soubessem que ainda me sinto uma menina com sede de viver e que só não o faço porque o corpo não obedece. Se soubessem e sentissem o que eu sinto, olhar-me-iam de outro jeito e eu sentir-me-ia mais compreendida, mais integrada.

Mas como é que lhes explico que sou muito mais que um corpo enrugado? Como? Se eles não sabem, não sentem e nem sequer sonham...

Não sei responder... O que sei é que a minha vida assim já não faz sentido. Quero entrar num outro plano, quero voar, sentir o meu coração a pulsar e viver muito para além da morte.

Parto hoje na certeza que serei mais feliz.

Querido diário, fiel confidente, obrigada pela generosidade com que suportaste o fardo da minha vida nas tuas folhas. Pareces pequeno mas na verdade és tão imenso como eu.

Fecho-te pela última vez e deito-me. Elevo os meus pensamentos ao céu e entrego ao desejo de partir.

O meu último pensamento é teu: guarda-me em ti...

Chegada aos 144 anos

Odete Viegas

Todos sabem, eu também, que o Ser Humano é um processo biológico que nasce, vive e morre. Ao longo do percurso da sua vida na Terra, tem de enfrentar tudo o que lhe está reservado. É como abrir uma caixa cheia de surpresas onde estão misturados o bom e o mau; o possível e o impossível. E nunca sabemos o que de lá vai sair. Isso está no segredo dos Deuses!

Dei tudo por tudo para chegar aos 144 anos. Quando tinha 78 anos, mais de metade do que aqueles que tenho agora, estava mesmo curiosa no avançar e tudo fiz para a meta alcançar!

Adoro a vida, mas continuo a lamentar os caminhos errados pelos quais segue o ser humano, cada vez mais insaciável e desumano. Mesmo sendo portador dos mais dignos sentimentos, nem sempre são estes que predominam, preferindo o ser humano alterá-los a seu belo prazer, de forma consciente, ultrapassando o racional!

Como seria de esperar o raciocínio do ser humano continua em permanente avanço, especialmente na área da tecnologia, que sempre fascinou o Homem. Com tamanho avanço, em que tudo aparece feito por obra e graça, não posso deixar de pensar que toda esta evolução vai terminar em desgraça para o nosso planeta. Oxalá esteja errada...

Bom, estou decidida a continuar a fazer tudo que mais gostar, tentando colaborar e conviver com tudo e todos, nem que seja a brincar.

Contudo, há certas brincadeiras em que não quero entrar! Todos conhecem, tenho a certeza. É uma fórmula que termina em “ecas”. Mas não quer dizer enxaquecas. Creio mesmo que termina em quecas!

Segundo dizem, até faz bem ao coração!

Bom, quando não sei ao certo não gosto de arriscar. Prefiro gozar umas boas fanecas, que tanto me agradam ao paladar!

De resto queridos amigos terrestres, não percam mais tempo com testes. O ser humano é como sempre foi, tem tanto de direito como de torto, por isso, nada melhor que brindar à vida com o nosso doce e mágico vinho do Porto! A vida é bela!

Um piropo para uma grosa

Orízia Alinho

Aos 144 anos ainda mereço um piropo inocente ao passear na rua!

- Olha que direitinha que ela vai pelo passeio - diz-me um simpático desconhecido - Que grosa jeitosa!

Melhor ainda porque fui eu que inventei o piropo há uns anos atrás. Ocorreu-me porque sou professora e uma grosa era uma quantidade de 144 lápis. E eu direitinha como um lápis! Quem me dera! Defeitos profissionais...

Aos 144 anos o avanço da ciência e das tecnologias é incalculável. As pessoas têm direito à saúde e ao conforto de acordo com a dignidade humana. Não há uma aldeia no mais recôndito da montanha que não tenha água, luz e esgotos. A maioria da água é dessalinizada, a água doce é muito regrada e proibiram todos os gastos excessivos.

As deslocções são mais rápidas. A maior parte das viagens entre cidades são feitas de avião e helicóptero. Os comboios ainda existem e atingem velocidades ultra, com segurança. Há muito menos acidentes e perigos, o que é um sossego.

As pessoas não comem as quantidades de carne a que se habituaram no século anterior. Agora os frutos e os legumes são a base da alimentação.

A sociedade mudou. Há cada vez menos casamentos ou sei lá o que lhe chamam agora e nenhum casamento religioso. Também ao ritmo cada vez maior a que acontecem os divórcios...

Mantenho a minha condição de mulher cristã e continuo a acreditar que a família é a base de uma sociedade saudável. Não estou presa aos ditames do casamento instituído no século IV. O que me importa é que não se perca a doutrina que Jesus nos veio trazer e que faz de nós pessoas privilegiadas, por termos uma religião revelada. Eu sou cristocêntrica e não mudo, nem com 144 anos!

A língua portuguesa é muito falada. O Instituto Camões já promoveu a expansão da língua em mais de 80 países. A «Camões Learning» é uma promessa realizada.

Os jovens têm um défice de inteligência emocional, porque as suas energias são exigidas pelas conquistas científicas no seu percurso académico. Usa-se e abusa-se do digital, e como consequência, perdem-se muitos dos costumes e tradições.

Os lares familiares têm conforto, mas são frios pela falta de amor e pelo reduzido carinho expressivo.

Nas hortas há poucas qualidades de legumes e hortaliças, porque os pesticidas e a falta de água fizeram desaparecer várias espécies. Feijões, favas e cereais são difíceis de encontrar e certas qualidades extinguiram-se definitivamente.

Há muito menos insectos por causa da poluição e do buraco do ozono. As espécies de pássaros também são mais reduzidas. Já é raro ouvir as suas belas melodias.

Os poetas exprimem-se cada vez mais no concreto. Mesmo com falta de Natureza e de Poesia, ainda quero que a família continue a ser uma unidade na diversidade dos seus elementos, mantendo o respeito pela personalidade e pela liberdade. Pais, filhos, avós, primos que formam um conjunto carinhoso e humanista será hoje uma utopia?

As minhas raízes – Douro Património Mundial da Humanidade – continuam de grande beleza mas menos verdes e mais secas. Grande parte das quintas de vinho do Porto permanecem nas mãos dos ingleses que continuam a fazer o vinho que exportam para todo o mundo. Continuam a pagar muito mal a quem cultiva, verdadeiros escravos que deixam na vinha o sangue, o suor e as lágrimas... As quintas que ainda não eram dos ingleses, já estão todas nas mãos dos espanhóis, dos chineses, dos americanos, sei lá!..

E aqui em Matosinhos, terra de adopção? A Rua Brito Capelo já não tem comércio como dantes. A Universidade Sénior Florbela Espanca está num

edifício moderno, na parte alta da Cidade. Tem muito nome pela competência dos professores e pelo ambiente acolhedor, o que já é raro noutros estabelecimentos educativos. Fala-se muito dos seus fundadores³, que têm esculturas em praças e jardins.

Também fizeram um monumento à Rosalina⁴, mulher plurifacetada do século XXI e o Dr. João⁵ é recordado até na poesia sobre o tempo, porque ninguém o fez render e multiplicar como ele.

Muitos ricos, que ganharam tanto sem se saber como, já foram a Marte, mas voltaram desiludidos, porque a Terra é melhor e ainda tem cinco continentes.

Eu, que fui criada a ver cozinhar em potes de ferro de três pernas, agora entro na cozinha e carrego num botão para me alimentar! Salta-me uma pastilha de uma máquina e já está: proteínas, vitaminas, hidratos, etc.

Assim são os meus 144 anos.

Notas do editor:

3. Referência da autora ao casal de directores e fundadores da Universidade Sénior Florbela Espanca (USFE), Zélia e Miguel Teixeira.

4. Rosalina Milhazes é simultaneamente aluna e professora na USFE.

5. João Gomes é professor da disciplina de Escrita Activa na USFE

Dia da Comunicação

Rosalina Milhazes

Hoje é o dia da comunicação.

Por incrível que pareça, acordei com o chilrear da passarada... Só para instantes depois, aí esta minha memória, perceber que afinal eram os *drones* que zumbiam, ao passar perto da minha vigia.

Pois é... Com 144 anos já aprendi a conviver com a domótica, ou seja, vivo numa casa inteligente. A minha mente, ainda com laivos do passado, já adquiriu competências cibernéticas que me permitem mandar e desmandar nos meus funcionários, o RX2 e o 4XPTO, para que façam tudo quanto lhes ordeno.

Nesta comunicação, às vezes a retroalimentação fica comprometida, especialmente quando se trata de exprimir sentimentos e emoções. Como não sabem o que isso é, ignoraram-me e acabam a fazer *reset*.

Nesta nova fase da minha vida, cuja referência é 144 KOTIP, vivo com muita tranquilidade e quando não sei que fazer, pesquiso sobre programação e reúno todos os meus amigos em rede. É sempre uma algazarra.

Estamos a contactar o antigo Ferro-Velho para nos trazer uma camioneta, a reboque num ovóide, que nos permita viajar em conjunto e em estilo.

Sinto-me bem com esta idade mas o facto de viver-nos em habitações celulares traz-nos algum isolamento físico da família e amigos.

O que mais virá?

OS AUTORES

Alice Lopes

Com 75 anos, está reformada e é mãe de 3 filhos e avó de 5 netos. Tirou o curso de secretariado e trabalhou 23 anos numa multinacional sueca e depois como empresária em nome individual na importação e comercialização de relojoaria.

É aluna fundadora da USFE, vicentina e membro do Lions Clube de Matosinhos.

António Oliveira

António Oliveira tem o perfil de um trabalhador incansável. Foi e é um autodidacta, lê muito e estuda as dificuldades que lhe aparecem pela frente. Gosta de brincar e tem um defeito: ouve muito mas fala muitíssimo pouco. Por vezes, torna-se demasiado reservado cada vez com mais frequência.

Na USFE é grato pela companhia e camaradagem de professores e “colegas”, termo que ainda lhe faz confusão porque “na Marinha esta designação era proibida, camaradas!”

Assunção Esteves

Assunção Esteves está numa fase da vida muito agradável. Adora a família e “netar” é um dos seus grandes prazeres.

Preocupa-se com a sua manutenção física e psicológica.

A escrita é episódica, deve-se à disciplina de Escrita Activa, liderada por João Gomes, professor da Universidade Sénior Florbela Espanca, espaço cuja frequência faz parte do seu dia-a-dia.

Branca Gomes

A Branca não é diferente. É como toda a gente. Tem muito de bom, mas também muitos defeitos. Certo, certo, é ter grande alegria de viver, muito amor para dar e uma enorme esperança, mesmo quando a vida lhe dá períodos bem dolorosos. E é tudo.

Isabel Freitas

Isabel foi sempre muito independente e continua a gostar muito de fazer o que lhe apetece sem ter de dar satisfações a ninguém.

Desde pequenina que gostava de brincar às escolinhas, e a professora era sempre ela. Quando cresceu foi essa a profissão que escolheu para si.

Vira-se do avesso pelos filhos e netos que são a melhor coisa na sua vida. Gosta pouco de ler e só escreve por “obrigação”. Além de frequentar a universidade sénior, gosta de passear e de bordar.

O perfil da Isabel fica por aqui porque a vida dela dava um romance.

Isabel Lago

Isabel é feita de restos dispersos de memórias e de afectos, tecidos no desfiar do seu tempo.

Este legado não faz dela um ser perfeito
mas é a força que dá vida
ao coração que lhe bate no peito.

João Gomes

João Gomes é muitas coisas para muitas pessoas. Como marido, é apaixonado e fiel. É um pai imaginativo que faz fotonovelas, inventa histórias e transforma caixotes em autocarros usando x-acto e cola de contacto em segurança. Na Universidade Sénior Florbela Espanca, é feliz, realizado e tem um enorme orgulho nos seus alunos e respectivas façanhas. A escrever é curto e cru, picuinhas com as palavras e desleixado na pontuação.

José Lobo

Nasceu na cidade de Braga há 72 anos. Tem-lhe sido reconhecida uma grande criatividade e viu-se envolvido em vários projetos originais ao longo da vida. Isto tem uma explicação. Quando criança esteve bastante doente durante meses e foi praticamente isolado do mundo, por isso, criou um mundo imaginário só dele que foi decisivo no seu processo de sobrevivência.

Laura Sousa

Segunda no meio de 4 irmãos, Laura nasceu na manhã de 11 de Março de 1955. Teve uma infância triste e desprovida de qualquer protecção, marcada pela falta de afectos e de amor. Cresceu e lutou por tudo aquilo que sonhava desde menina, casando aos 18 anos, após namoro de 5, com o homem que sempre a amou, acarinhou e apoiou. Teve 2 filhos maravilhosos que lhe deram os 3 netos pelos quais nutre uma grande paixão. Sentada ao lado do seu companheiro de vida, após 45 anos de casamento, o balanço da sua vida não podia ser mais gratificante: filhos, noras e netos que os amam e respeitam são para Laura motivo de orgulho e o maior legado que alguém pode ter.

Luísa Sereno

O que Luísa mais ama são: crianças, flores e animais. As crianças partem-lhe o coração com as suas fragilidades. Embriaga-se com o perfume das flores e entristece-se quando os animais, que tanto podem ensinar ao ser humano, são maltratados.

Sente-se muito feliz a fazer arranjos florais. Por vezes queria não ser tão sensível porque a sensibilidade faz com que sofra com maior facilidade. Ama imensamente os seus filhos, netos e claro, a Natureza!

Madalena Marques

Madalena nasceu num dia triste e cinzento que marcou toda a sua vida. Ao longo do tempo, o seu ADN tem propriedades de arco-íris fazendo com que os seus estados de alma comandem as cores e influenciem a sua forma de vestir.

Euforia, melancolia, alegria, abnegação, tristeza, raiva e desânimo e tudo o mais que se pode ocultar sob a capa da indiferença são nuances que lhe tingiram a pele.

Agora, na recta final da sua vida, escolheu o rosa como cor de eleição, pois finalmente encontrou o Amor. Que Deus a conserve (a cor, claro)...

Margarida Marques

Margarida Marques viveu profissionalmente ligada à saúde. Agora, aposentada, é com as agulhas, os pincéis e as canetas que se ocupa nos momentos de lazer - as manualidades, a pintura e a escrita fazem-na desejar que o dia tivesse, às vezes, uma duração superior a 24 horas.

Maria Fernanda Barbosa

Maria Fernanda Barbosa é alguém que sempre viu a vida pelo lado positivo embora por vezes também tivesse de ultrapassar momentos menos bons. A boa disposição é um dado adquirido, mas a timidez por vezes fá-la esconder aquilo que sente. Na família, é o pilar, e que felicidade isso lhe proporciona!

Maria João Bernardes

Maria João tem 64 anos e é leceira de gema. Entrega-se de corpo e alma à família e vive em função dela. É uma mulher com muitos medos, inseguranças e diversas variações de humor ao longo de um só dia.

Odete Viegas

Odete conta já 78 anos mas ainda não vê a recta da meta. Passou 23 anos fora do seu país mas foi por uma boa causa.

Pertence aos veteranos da Universidade Sénior Florbela Espanca.

Ingressar nesta instituição tão acolhedora, onde a amizade é o ícone que predomina em todos os que alcançaram o estatuto da Nova Idade, foi das melhores decisões que já tomou.

Costuma dizer que tem duas famílias: a biológica e a dos amigos, também esta importante para uma vida sadia e feliz a longo prazo.

Com os colegas de universidade luta contra o tempo, e não para ter um grau académico, usando a aprendizagem e a camaradagem típicas de instituições como a USFE.

Orízia Alinho

Orízia Alinho tem um nome raro que começa bem e acaba melhor... É a aluna com mais anos da Universidade Sénior Florbela Espanca. Prefere ser velha a ser idosa. Sente que tem experiência, alguma sabedoria e muito despojamento. Gosta de passear, ler, escrever, cozinhar, bordar, fazer renda fina, pintar e ouvir música calmamente. Vai regularmente a concertos na Casa da Música.

Ama a Natureza e diz ser filha do xisto e do rosmaninho... As videiras, as oliveiras milenares, os rios e até as pedras do princípio do mundo, ligam-na ao seu Douro, património mundial.

Tem uma família linda e atingiu o auge da sua carreira de avó e bisavó.

Os erros dos homens em relação ao planeta fazem-na temer pelo futuro.

É crente e respeita as crenças dos outros. Para Orízia Alinho, a atitude cristã é sempre a mais correcta. Tem o dom do acolhimento e descobriu que a vida é uma constante relação com o divino.

Rosalina Queirós

Nascida em Janeiro de 1956, é natural de Matosinhos. Professora de profissão é muito dinâmica e criativa e gosta de interagir com diferentes pessoas.

"Leia, é de graça."

Olinda Oliveira

"Não perca!

É virtual e relaxante."

Valentina Martins

"Pare, folheie e leia!"

Regina Soares

"Este livro tem tudo!"

Vítor Rocha

"Quem disse que no futuro
não há quecas?"

Margarida Mota

"Leia, os autores são jovens."

Nilza Couto

"Grosas de diversão."

Dina Machado

"Ainda vai dar um filme...."

Sílvia Pinto

Tenho 144 anos. Esta é a realidade comum às histórias imaginadas pela turma de escrita activa da Universidade Sénior Florbela Espanca.

As Crónicas da Longevidade aqui reunidas, são um testemunho sincero que contrasta esperança e nostalgia. As várias perspectivas futuristas, emocionantes, e por vezes, emocionais, descritas pelos pioneiros da longevidade, ilustram de forma criativa o impacto do progresso tecnológico no indivíduo e na sociedade.

Mais do que espreitar o futuro, estas histórias são um retrato presente das expectativas, desapontamentos, receios e perdas de uma geração para quem a vida se transformou num desafio constante que os obriga a repensar quem são e para onde vão.

